

"Os 30 do 25"

Estudantes celebram Abril de 1974

Os dirigentes estudantis da UBI comemoraram mais um aniversário da revolução que fez mudar o regime político no País com a iniciativa "Os 30 do 25". As festividades arrancaram no dia 20 e estenderam-se até dia 29.

A inauguração da exposição "O Lápis Azul - A Censura no Estado Novo", do Museu da Imprensa do Porto, na Casa dos Ministros, da

Câmara da Covilhã, e do "Posto de Escuta", no Pólo I da UBI, em conjunto com o início do ciclo de debate "Um no Cravo outro na Ferradura", foram os primeiros passos das comemorações.

A "Revolução em Pintura", pequenos quadros com ilustrações da revolução, foram espalhados pelos bares da instituição.

Destaque para a presença do te-

nente-coronel Manuel Dias Lopes, com o tema "30 anos depois - 25 de Abril de 1974 a 25 de Abril de 2004", no passado dia 20, na sede da AAUBI.

Na quinta feira seguinte, Fernando Paulouro, director do *Jornal do Fundão*, falou sobre "Os princípios do "News Speak" - Propaganda ou Informação no Estado de Direito?". A AAUBI pretendia que os debates

preparados fossem "Algo do género de uma aula, em que se muda apenas o conteúdo do que é leccionado". Os estudantes não querem entrar em saudosismo, preferem classificar os debates de "misto de retrospectiva e visão para o futuro".

"Bananas", de Woody Allen, e "O Bom Povo Português", de Rui Simões são os filmes que foram exibidos na Cinubiteca da UBI.

Durante todos os dias da iniciativa foi ainda possível assistir a cerca de 45 minutos de imagens de época, do período anterior e posterior à revolução, através do circuito interno de televisão da UBI.

Ainda sem dia marcado, está prevista a transmissão da peça teatral radiofónica "Maioria Silenciosa", na *Rádio Jornal do Fundão*. **D.S.S.**

Relembrar lápis azul da censura

Durante 48 anos, Portugal viveu num regime de censura apertada. A imprensa sentiu-o com os cortes que o regime fazia a lápis azul.

A exposição "O Lápis Azul - A Censura no Estado Novo", do Museu da Imprensa do Porto, surgiu no âmbito da comemoração dos 30 anos da Revolução dos cravos. Com esta iniciativa, a Associação Académica da UBI pretende mostrar um dos símbolos mais fortes do regime ditatorial que governou o País.

A censura no Estado Novo representou 48 anos de cortes, entre Junho de 1926 e Abril de 1974.

O "lápis" começou como protecção do golpe militar de Gomes da Costa, iniciado em Braga e transformou-se no guardião da ideologia "Deus, Pátria e Família", que regia a ditadura que se vivia. Era com o Lápis Azul que os censores decidiam aquilo que o País deveria saber, através da imprensa, rádio, televisão, livros, cinema, teatro, música, pintura, ou de qualquer outro meio de divulgação da criatividade humana.

Nesta exposição vêem-se os traços azuis que alguns jornais suportaram: *Jornal do Fundão*, *Jornal de Notícias*, *Diário Popu-*



Estudantes celebram Abril

lar, *Notícias da Amadora*, *Voz Portucalense*. Mesmo a revolta do 25 de Abril foi censurada, como ilustram alguns exemplos que integram a exposição. Um testemunho da censura apertada que vigorou durante 48 anos no nosso País. A exposição decorre na Casa dos Ministros da Câmara da Covilhã.

O Lápis Azul acabou ele próprio por ser censurado, dando lugar à liberdade de imprensa. **M.N.**

Mensagens codificadas

Verdadeiros escritores policiais, os jornalistas "antes da revolução" passavam as informações "pelas entrelinhas".

Uma das profissões mais arrastadas pelo regime fascista. Assim define Fernando Paulouro, director do *Jornal do Fundão*, o jornalismo. Numa iniciativa levada a cabo pela Associação Académica da UBI (AAUBI), intitulada "Os 30 do 25", Paulouro sentou-se na cadeira de docente durante duas horas e explicou aos alunos do curso de Filosofia, os principais entraves colocados pelo Estado Novo ao jornalismo.

"Os princípios do "News Speak" - Propaganda ou Informação no Estado de Direito?" foi o mote da palestra que abordou várias temáticas. De entre todos os assuntos descritos pelo jornalista, aquele que mais atenção despertou nos presentes foi o papel que os órgãos de comunicação social "tinham e têm na formação das consciências pessoal e cívica", sublinha Paulouro. O jornalismo feito sob a batuta da ditadura fascista "era como um enredo de histórias codificadas nas crónicas, nos artigos, nas fotos e nos cartoons". O lápis azul da censura "era difícil de enganar". Segundo do director do *Jornal do Fundão*, a única forma de o conseguir era através de textos onde a mensagem principal "estava escrita nas entrelinhas".

"Uma resistência disfarçada"

Verdadeiros detectives, os leitores foram ganhando uma capacidade "de decifrar aquilo que estava escrito nas páginas dos jornais". Paulouro recorda mesmo uma crónica, "género jornalístico que conheceu o seu auge no tempo da ditadura", que falava sobre um jogo de futebol entre o Sporting e o Porto, mas "fazia referência ao golpe falhado do 16 de Março".

Estas e outras peripécias, eram "extremamente redutoras", num País onde faltava quase tudo para o homem crescer "culturalmente". Uma das preocupações de qualquer regime e uma das formas da sua manutenção "é o silenciar a comunicação social". Outrora como hoje, "o que não é noticiado não existe", e muita coisa nunca foi dita, refere Paulouro.

Um novo jornalismo

Uma das grandes conquistas alcançadas por Abril foi a liberdade de expressão, "nas suas vertentes de informar e ser informado", avança o jornalista. Nos dias que correm, toda a comunicação social assume um papel "relevante, na criação de uma sociedade mais justa". A transposição das barreiras geográficas e o acesso mais fácil à imprensa "garantem uma maior

estabilidade aos cidadãos".

Questionado sobre o excesso de liberdade nos órgãos de comunicação, Paulouro responde que "têm de ser os próprios jornalistas, enquanto gestores da informação, a escolher o que deve ou não ser notícia e como deve ser abordada". Um dos grandes atractivos, "deste contra-poder, é exactamente a sua capacidade de pressão sobre todos os outros grupos sociais". A possibilidade dos media arrastarem um grande número de pessoas para uma determinada opinião, "tem sido utilizada por muitos gestores, políticos e afins".

Um dos grandes problemas que se colocam ao jornalismo actual "é a concentração de poderes nas mãos de um grupo restrito". Na perspectiva de Fernando Paulouro, "a censura disfarçada ainda não se verifica em toda a comunicação", mas esse "contratempo" pode vir a ser instaurado "sem que o público em geral" tome noção desse facto.

Participar mais activamente na escolha e na selecção da informação fornecida, "é uma das formas de manter o jornalismo puro", defende Paulouro. Os cidadãos que gozam de liberdade de expressão, devem "exigir informações verdadeiras" e não casos deturpados, como acontecia antes de Abril. **E.A.**

Trinta anos depois...

AAUBI comemora e debate o que mudou em 30 anos

"Se as revoluções não se fazem com massas, fazem-se com quê? - O caso português" foi o tema em debate no passado dia 21.

No âmbito das comemorações dos 30 anos do 25 de Abril, João Santos, um dos homens da revolução na Covilhã, entrou numa sala de aula e falou da sua experiência como interveniente activo. Durante uma hora falou-se em democracia, liberdade, desenvolvimento, evolução e descolonização, alguns dos objectivos cumpridos pela Revolução de Abril. João Santos afirma que a "queda do Regime, apesar de ter sido movida por questões de natureza militar, se deveu à acção das massas. O povo saiu à rua e

manifestou-se a favor dos golpistas". Relembrou-se e debateu-se a revolução sem sangue e sem dor, de onde todos saíram a ganhar.

Com 50 anos e a frequentar a licenciatura em Filosofia na UBI, João Santos afirma que a Revolução dos Cravos é desconhecida pela maioria dos jovens. "A minha geração não foi capaz de explicar o que havia antes do 25 de Abril e o que mudou. Demos demasiados bens materiais aos nossos filhos e falhámos na mensagem. É preciso explicar-lhes que não há almoços grátis", defendeu.

A liberdade foi festejada na UBI através de conferências, exposições, emissão de imagens da época e de uma peça radiofónica. **H.S.**

Associação ou dissociação de estudantes?

Artur Patuleia, e Pedro Guedes falaram das suas experiências enquanto membros de uma associação.

Sobre o tema "As crises académicas de ontem e de hoje - dissociação de estudantes?", Artur Patuleia da AAUBI explica que pretendiam mostrar aos colegas "a analogia entre os movimentos estudantis de agora e os anteriores ao 25 de Abril de 1974, que na altura abalaram profundamente o regime vigente".

Num ambiente informal e ao jeito de tertúlia, discutiu-se o 25 de Abril na perspectiva de duas gerações.

O jovem não compreende como nos dias de hoje não se verifica uma participação acentuada por parte dos estudantes na luta pelos seus interesses.

Artur Patuleia vê, com as assembleias pouco participadas e com o escasso número de listas nas campanhas para a Associação, um "egoísmo dos estudantes que pensam apenas na sua vivência e não nos problemas dos colegas".

Pedro Guedes até compreende que os jovens não se sintam motivados para lutar por determinados objectivos.

Na sua perspectiva "em duas gerações esgotou-se um conjunto de ideias". "As pessoas têm receio de tomar atitudes, porque é tudo muito efémero", acrescenta.

Antes do 25 de Abril havia apenas duas hipóteses, estar contra a ditadura ou a favor dela; nos dias

de hoje são vários os caminhos.

Os estudantes do pré-25 de Abril lutavam para não irem para a Guerra Colonial, discutiam a repressão e a PIDE.

O debate ideológico de agora prende-se com questões relacionadas com as propinas e assuntos pedagógicos, que na óptica de Pedro Guedes "não são temas suficientemente motivadoras para impulsionarem os estudantes para a luta".

Para fechar o debate ambos consideraram que a participação cívica nos órgãos associativos é fundamental e é também função dos alunos, para além de estudar. **A.F.**